
Nesta edição

Artigo

Diálogos espíritas

Dissertações espíritas

Pesquisa espírita

Questões diversas

A utilidade evolutiva da morte

A dona da gata

Passado e consciência; De onde eles vêm?

O processo de transmissão das idéias pelos espíritos

Psicofonia e psicografia

ARTIGO

A utilidade evolutiva da morte

PALAVRAS-CHAVES: EVOLUÇÃO;
DESENCARNE; INSTINTOS; SENTIMENTOS.

O conceito da imortalidade da alma humana é um dos conceitos mais demonstrados pelo Espiritismo. Em sua defesa, podemos encontrar por toda a literatura espírita inúmeros argumentos, sejam científicos, como comunicações mediúnicas, lembranças espontâneas, etc., como também filosóficos, fundamentados na análise lógica do que somos capazes de entender da realidade da qual fazemos parte. Tal é a capacidade das idéias espíritas em fornecer explicações convincentes acerca da realidade alémtúmulo que bem poucos espíritas se dedicam a questioná-las. Contudo, se damos como um fato absolutamente natural a continuidade da vida, o mesmo não podemos dizer sobre o fenômeno da morte. Ao contrário, uma ampla maioria dos espíritas ainda vê nesse processo algo absolutamente antinatural, na maioria das vezes relacionado a uma das inúmeras vicissitudes, inerentes a um mundo de provas e expiações. Pode-se mesmo dizer que nos acostumamos com a morte, sem que, porém, a tenhamos compreendido de fato. Teria ela alguma utilidade evolutiva ou ela realmente não passa de um processo de sofrimento imposto ao espírito humano? Eis a questão que nos propomos a responder nesse ensaio.

A despeito da pouca compreensão e aceitação da utilidade da morte, sua existência e seus efeitos são de conhecimento universal. Bastam poucos anos de convívio social para que uma

criança relacione-a aos sentimentos de perda e sofrimento. Tal percepção, inclusive, não é restrita à escala humana, mas se estende à animais e plantas. De fato, uma das conceituações mais básicas de um ser vivo é algo cuja trajetória nesse mundo pode ser resumida por “nascido, crescer, reproduzir e morrer”. Em resumo, a morte é uma das muitas etapas da vida. Esse último conceito, ainda que aos olhos de muitos possa ser considerado um mero clichê, uma repetição insistente de algo conhecido, é a base para se demonstrar a imprecisão de algumas explicações atualmente admitidas pelo meio espírita em torno da utilidade da morte. Segundo a idéia mais vigente, a morte se resume à apenas uma expiação necessária ao espírito humano, através da qual, pouco a pouco, ele pode resgatar seus débitos passados perante as Leis Divinas. Ora, se a morte fosse de fato apenas um mecanismo de cobrança do Criador, como entender a morte de um cachorro, de um mosquito ou mesmo de uma planta? Que tipo de atos esses seres poderiam ter realizado em vidas passadas que justificassem um resgate através da morte? Assim, sendo a morte comum a todos os seres, sua utilidade deve atender às necessidades de todos eles, e não apenas de um determinada classe, o que faz com que a idéia de morte como instrumento exclusivo de expiação seja, no mínimo, incompleta.

Se a morte é algo mais amplo do que um mero sofrimento imposto aos seres vivos, qual seu real objetivo? Além do pagamento de dívidas passadas, qual utilidade poderia haver em um acontecimento tão dramático como o da separação de um filho de seus pais? Para responder tal questão, iniciaremos nossa análise justamente pelos seres nos quais,

conforme mencionado, o conceito de punição não se aplica de forma alguma: as plantas e os animais mais simples.

Deus nada faz de inútil. Eis a primeira premissa, o primeiro ponto de partida de nossa argumentação. Assim, se a utilidade da morte para esses seres não está associada às questões morais, como provas e expiações, visto que ambas não se aplicam aos espíritos nesse grau de evolução, ela deve residir em algum outro conceito. Na natureza, tudo se encadeia, do menor ser até o maior, e evolui de maneira incessante, pois que esse último, o maior, um dia também já foi o menor [1]. Eis nossa segunda premissa, que nada mais é do que uma decorrência natural da anterior. Dito isso, para se entender qual o benefício que morte traria para os espíritos mais simples na Terra que somos capazes de observar, temos que forçosamente analisar a situação contrária, isto é, um cenário em que nenhum ser, jamais, morresse. Nesse mundo hipotético, uma planta, por mais bela e útil que fosse, sempre seria uma planta, o mesmo acontecendo para toda a infinidade de seres microscópicos que compõem a fauna invisível de nosso planeta. Não existindo qualquer tipo de possibilidade de transformação material, pois tudo seria eterno, os seres estariam condenados a permanecer em um dado estado evolutivo. Contra essa idéia, pode-se argumentar que a própria Biologia já foi capaz de identificar algumas leis pelas quais os seres evoluem, de modo que, considerando a eternidade, os seres poderiam progredir. De fato, isso certamente ocorreria, como ocorre em nosso mundo real, mas tais mudanças só seriam aplicáveis aos novos seres que fossem gerados, visto que os antigos sempre permaneceriam naquela condição

material, pois simplesmente não morreriam. A ausência de um mecanismo natural de renovação dos seres faria com que a distância evolutiva entre eles aumentasse de maneira contínua, fato que parece contrastar com a bondade e justiça do Criador. Ao contrário do que se imagina, portanto, a imortalidade dos corpos na Terra faria com que os seres estivessem condenados à estagnação evolutiva, visto que não teriam novas oportunidades de contato com a matéria. Daí resulta que, tal qual a um aluno que pouco a pouco vai recebendo de seu professor leituras cada vez maiores e mais completas, ao assumir novos mecanismos orgânicos, o espírito nessa escala é estimulado a desenvolver suas capacidades em estado latente desde a sua criação.

Da análise anterior, temos que a morte é benéfica ao espírito à medida que ela oferece novas possibilidades com a matéria. Contudo, essa afirmação só faz sentido se acompanhada de outra: que o espírito, de fato, necessita do apoio da matéria para evoluir. Ora, caso isso não fosse verdade, não haveria sequer motivo para a existência da encarnação, ou mesmo da morte, o que nos remeteria novamente para o cenário de um mundo em que os seres fossem eternos e imutáveis, cuja impossibilidade moral e lógica demonstramos há pouco. Essas conclusões apontam para a existência na matéria de um tipo de vitalidade, algo capaz de impulsionar o espírito, hipótese esta levantada em artigos anteriores [2]. Assumindo que a matéria seja de fato a ferramenta do espírito [3], pode-se concluir que, de maneira semelhante, a ausência dessa própria ferramenta, isto é, da matéria, pode ser considerada como mais um dos muitos estímulos que o princípio espiritual está sujeito em um mundo como a Terra. Após enfrentar aquilo que conhecemos por “batalha pela vida”, isto é, nascer, crescer, reproduzir-se, exposto a todo tipo de intempéries, a morte propicia ao elemento espiritual um “contra-estímulo”, decorrente do fechamento dos canais que o ligavam à natureza física. Tal processo sendo imprimido ao elemento espiritual não apenas uma, mas um sem-número de vezes, cria as condições para que, mais adiante, ele possa sentir e reagir a essa mudança, o que torna a morte apenas uma das muitas forças criativas da natureza.

Com isso, cremos ter demonstrado a utilidade da morte para as plantas e animais inferiores, seres temporariamente com baixíssima vida de relação, se comparado aos animais superiores e ao homem, nossos próximos objetos de análise.

Se a morte é útil para os seres que se encontram na base da escada evolutiva da Terra, não haveria motivo para não sê-la também para os mais adiantados. Dado que, independente do grau em que esteja, os espíritos nesse planeta estão sujeitos à mesma ordem de estímulos externos, a morte para os seres mais complexos cumpre função idêntica aos inferiores: propiciar os meios para evoluírem. Contudo, nas escalas mais avançadas de evolução, deve-se levar em consideração também as respostas geradas pelos próprios indivíduos perante à morte. Em outras palavras, à medida que ganha experiência, que desenvolve ferramentas para interagir com o meio em que vive, o espírito passa a ser capaz também de tirar conclusões acerca dos fenômenos a que está sujeito. Portanto, no caso dos animais superiores e do Homem, a morte também dispara processos de ordem psicológica, estimulando o espírito de um ângulo impossível até então. Esse processo é tão amplo e marcante que estudos recentes demonstraram que animais como elefantes são capazes mesmo de nutrir sentimentos rudimentares com relação a seus mortos. Esse fato é de alta relevância para entender a utilidade da morte do ponto de vista psicológico, pois se trata de uma fase de transição, isto é, um ponto na escala evolutiva situada entre dois extremos: o da completa inconsciência e o da consciência plena. Isso demonstra que as faculdades que consideramos humanas são adquiridas pelo espírito ao longo de sua vivência, passando pelos diferentes reinos da natureza. Assim, ao lado de estímulos como a necessidade de sobrevivência, que engloba sensações como fome, sede, frio, calor, etc., e outros com características próprias, como é o caso das forças em torno da reprodução, a morte fornece as condições necessárias para que os indivíduos envolvidos nesse processo ganhem experiência, exercitem suas faculdades ainda em estado latente. Ao provocar o desaparecimento repentino dos seres, a morte cria contrastes grandes o suficiente para que o espírito, ainda ensaiando a consciência, seja capaz de

perceber que algo de diferente ocorreu ao seu redor. Como a semente que, ao contato a água, começa a germinar de maneira irresistível, ao ser exposto repetidas vezes ao contato e à ausência de outros seres ao seu redor, pouco a pouco ele começa a experimentar e desenvolver determinadas reações internas até que, enfim, ele realmente **sinta** a falta dos seres que morreram. Evidentemente, essa função da morte só pode ser entendida em sua extensão máxima levando-se em consideração outros estímulos inerentes à vida de relação. Assim, se a convivência estabelece laços poderosos entre os seres, eles serão desfeitos mais adiante abruptamente pela morte, permitindo que o espírito possa pesar e avaliar ambas as situações, despertando-lhe a consciência. Nesse sentido, há um importante esclarecimento a fazer: é preciso relativizar a idéia de que os laços entre os seres desfeitos por ela, uma vez que ela só é válida considerando uma única existência corporal. Se analisarmos com a devida atenção o processo da morte, antes e depois do ato em si, veremos que, ao contrário, ela contribui para fortalecer e ampliar as relações entre as pessoas. Em decorrência dos estados psicológicos criados diante da morte, desavenças foram deixadas de lado, mal-entendidos foram desfeitos, amizades foram construídas. Portanto, para se entender a utilidade da morte, é preciso levar em consideração seu papel na vida do espírito imortal, e não um acontecimento isolado, um fato derradeiro na existência do espírito.

Alguns críticos podem questionar o caráter simplista de nossa abordagem, especialmente no que diz respeito aos sentimentos de sofrimento e dor decorrentes da morte. Quanto a isso, não questionamos, ao contrário, nutrimos profundo senso de respeito a eles. De fato, tanto a ausência como a separação de pessoas queridas de nosso convívio são motivos para esses sentimentos de angústia. Contudo, nossa argumentação não deixa margem a dúvidas: a análise dos fatos indica que essa visão, que apresenta a morte como o término da vida de um modo geral, não explica todas as nuances do mundo em que vivemos. A própria indignação e não-aceitação do fenômenos da morte mostra que esse conceito é anti-natural. Uma vez que somos seres imortais, nossas necessidades

psicológicas também o são. Daí não nos conformarmos com a idéia da separação definitiva. Se de fato ela existe, não é por conta do fenômeno da morte, que não destrói ninguém, mas sim por ainda estarmos em uma fase de ajuste e desenvolvimento de nossas faculdades espirituais mais avançadas. Assim, da mesma forma que a morte teve sua importância nos estágios anteriores, alavancando o espírito para níveis mais superiores de consciência, a morte no estágio em que nos encontramos faz com que, pouco a pouco, também despertemos para nossa condição de espíritos imortais. Ao buscarmos as respostas para ela, ao tentarmos, das mais diferentes formas, estabelecermos contato com os que nos deixaram, abrem-se novos canais de interação com o meio em que vivemos, tal como descrito anteriormente para os níveis mais inferiores de evolução. Em uma palavra, nós, no estágio humano, ainda estamos em evolução. E, a julgar pelas informações colhidas junto aos espíritos, além daquilo que somos capazes de observar, como é o caso da morte, o próximo passo é a diminuição da barreira psicológica existente entre os mundos visível e invisível, tal como já ocorre em mundos mais avançados que a Terra [4, 5]. Por fim, o sofrimento, a dor e a

incompreensão com respeito à morte não desaparecerão por imposição dogmática de uma idéia, mas sim pela observação, estudo e, sobretudo, com um contato mais próximo com a própria morte e com os que já passaram por ela, conhecidos como espíritos. Esse é um ponto que merece atenção especial por parte dos espíritas: qual a postura atual comumente adotada perante os mortos? A história registra, nas páginas das obras que temos disponíveis para consulta, que espíritas como Allan Kardec, Gabriel Dellane, Ernesto Bozzano, Cairbar Schutel, dentre outros, tinham consciência de que tratar com os espíritos **não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele** [6]. Curiosamente, verifica-se que uma importante parcela do meio espírita discorda completamente dessa opinião, tanto no que diz respeito aos espíritos superiores, que são tratados realmente como seres sobrenaturais, como também para os inferiores, que são tomados a conta de verdadeiros demônios, aos quais são atribuídos todos os problemas da humanidade encarnada. Nesse contexto, místico por natureza, muito possivelmente a morte ainda se

apresentará por algum tempo como mais uma das mazelas humanas, com as quais temos obrigação de aceitar. Contudo, quando uma idéia deve brilhar por entre as mentes humanas, não há força que se oponha a ela. Dentro ou fora do meio espírita, cada vez mais pessoas tem procurado entender o real significado da qual a morte [7], que, como procuramos demonstrar nesse artigo, longe de ser o ato final da existência humana, ou de uma punição imposta aos seres que se querem bem, nada mais é do que uma das muitas ferramentas criativas que o Criador preparou com um único objetivo: despertar-nos a própria consciência.

Bibliografia

- [1] KARDEC, Allan. Questão 540. **O Livro dos Espíritos**.
- [2] A Vitalidade da matéria. *Revista de Estudos Espíritas*, nov. 2008.
- [3] KARDEC, Allan. Questão 22a. **O Livro dos Espíritos**.
- [4] _____. Os Fluidos. Item 8. **A Gênese**.
- [5] Suicídio e desmaterialização. *Revista de Estudos Espíritas*, fev. 2008.
- [6] KARDEC, Allan. Caracteres da Revelação Espírita, item 60. **A Gênese**.
- [7] O movimento espírita e a popularização das idéias espíritas. *Revista de Estudos Espíritas*, set. 2006.

DIÁLOGOS ESPÍRITAS

A dona da gata

IEEWFM, 22 de outubro de 2007

PALAVRAS-CHAVES: ESTADO PÓS-DESENCARNE; REUNIÕES MEDIÚNICAS; ANIMAIS.

1. (E) Não estou entendendo porque me mandaram para cá. Aqui não tem nada a ver com o que eu queria saber. O que tem a ver?

2. O que você estava procurando?

3.(E) Eu moro sozinha. Nunca gostei de ter gente perto. Minha única companhia era minha gata, a Micy, mas não sei o que aconteceu com ela. Acho que ela morreu.

4. Você não a tem visto mais?

5. (E) Ao contrário: eu a vejo, mas não consigo mais fazer-lhe carinho. Uma das únicas vezes que parei para conversar com alguém sobre o assunto, uma moça me disse que aqui iriam me explicar. Mas acho que houve alguma confusão. Estou no lugar errado.

6. Talvez estávamos tratando realmente de um assunto que possa ser estranho para você. Mas pode ser que a gente aponte algumas idéias que lhe ajude a entender o que aconteceu de fato com sua gata. Por exemplo: você mencionou que talvez ela tenha morrido, pois você não consegue tocá-la. Você estaria, então, vendo o espírito, a alma da gata?

7. (E) Pode ser... não sei... pois como poderia, se estou vendo ela?

8. Mas, por outro lado, você disse que não consegue apalpá-la.

9. (E) Só se de fato ela morreu, e isso está sendo fruto da minha imaginação, pois eu era muito apegada a ela.

10. É uma hipótese que não deve ser descartada. Porém, existem outras. Por exemplo: seu relato pode ser verdadeiro, isto é, realmente você pode não estar conseguindo tocá-la. Nesse sentido, gostaria de fazer-lhe uma pergunta: Como você vê a morte? Você acha possível que as pessoas, ou os animais, no caso, continuarem a existir depois desse

processo?

11. (E) Acho que não, mas nunca me preocupei muito com isso. Como vivia sozinha, não tinha porque me preocupar com quando morresse, o que ia ser de mim. A minha preocupação agora é saber se ela está bem. Como ela vai ficar sozinha?

12. Você tem enxergado outras coisas também, alguém cuidando dela, por exemplo?

13. (E) Não, apenas ela.

14. E onde ela está?

15. (E) Na minha casa.

16. E sempre você a vê sozinha?

17. (E) Sim.

18. E faz tempo que isso tem acontecido?

19. (E) Estou tentando agradá-la há uns cinco dias mais ou menos.

20. Você sabe que dia é hoje? Você pode me dizer?

21. (E) Em outubro?

22. Sim.

23. (E) O dia exato eu não sei.

24. Eu sei que é uma pergunta estranha,



- mas acredito que irá ajudá-la: você tem clareza do ano também?
25. (E) 2007?
26. Sim. Então, podemos entender que as coisas começaram a mudar agora em outubro?
27. (E) Acredito que sim.
28. Nesse período, apesar de viver sozinha, você se relacionava com outras pessoas? Isto é, você saía de casa, para trabalhar, fazer compras, coisas assim?
29. (E) O mínimo possível, mas saía.
30. E por esses dias, você tem saído? Fora hoje, claro.
31. (E) Não. Como disse, eu estou preocupada com a minha gata.
32. Além de procurar entender o que aconteceu com sua gata, você tem vivido normalmente, feito as coisas normais do cotidiano, como tomar banho, alimentarse, etc.?
33. (E) Sim, normalmente.
34. A única coisa que realmente você notou de diferente foi sua gatinha.
35. (E) Um momento. Eu não estou entendendo essas perguntas.
36. Elas têm um objetivo bastante simples: você disse que algo mudou na sua vida, e parece que foi justamente no ponto central de suas atenções: sua gata. Se você conseguir entender o que de fato aconteceu com ela, todo o mais será mais fácil.
37. (E) E você sabe o que aconteceu com ela?
38. Nossa idéia é tentar mostrar-lhe as coisas de uma forma que você mesmo possa tirar suas conclusões, sem o risco de você dizer que isso é fruto da sua imaginação.
39. (E) Então me explique o que aconteceu.
40. Segundo seu relato, quando você disse que tentava acariciar sua gata e não conseguia, é como se você e ela estivessem em lados, em planos diferentes da vida. Não foi isso em que você pensou?
41. (E) Sim.
42. E você concluiu que, como estava tudo normal com você, havido sido ela que tinha mudado de plano, não? Pois bem: você chegou a pensar no contrário?
43. (E) Eu estar morta?
44. Sim.
45. (E) Cheguei, mas acho que isso não faz sentido.
46. Foi por isso que fizemos algumas perguntas sobre o seu dia a dia, para verificar se nada mais havia mudado em sua vida.
47. (E) Mas isso é impossível, pois, por exemplo, a questão da minha alimentação: eu como normalmente as coisas que estão na minha casa. E quando eu coloco comida para ela, também o mesmo.
48. Mas ela vem até você quando você coloca comida?
49. (E) Sim. Foi isso que me deixou desconcertada.
50. E é apenas no momento que você tenta alcançá-la que percebe algo de diferente.
51. (E) Sim.
52. Você quer fazer um teste aqui, nesse momento?
53. (E) Se isso for me esclarecer, sim.
54. Que tal tentar pegar algum objeto que se encontra sobre mesa? Você consegue enxergar esse lápis, por exemplo?
55. (E) Sim.
56. Tente pegá-lo, por favor. Estou deixando-o aqui em cima da mesa.
57. (E) Acontece a mesma coisa. É isso que ocorre quando tento agradecer minha gata.
58. É a mesma coisa?
59. (E) Sim.
60. Bem, talvez agora seja mais fácil você entender que realmente havia duas hipóteses, e que a segunda é a que mais explica a realidade que você vive. Em resumo, você está viva, claro, pois estamos conversando, mas agora fora do corpo material.
61. (E) Então, quer dizer que...
62. Que sua gatinha continua aqui no plano que nós chamamos material, do qual você também faz parte, como nesse momento, mas agora de um modo diferente. Veja, por exemplo, o modo pelo qual estamos conversando. Eu não consigo ouvir você de maneira direta, mas sim através dessa moça que está sentada ao meu lado.
63. (E) É por isso que minha voz...
64. Está diferente.
65. (E) Mas como que vai ser agora? Eu ainda estou preocupada com minha gata.
66. Parece que durante esse período que você ficou na sua casa você teve a chance de ver que em seu estado atual, é impossível ajudá-la. Não temos condições de entrar nessas questões de ordem mais pessoal, mas possivelmente outras pessoas irão cuidar dela.
67. (E) Quando ela morrer, ela irá passar pelo mesmo processo que estou vivendo agora?
68. Sim, mas de um jeito diferente. Os animais possuem algumas limitações se comparados a nós, seres humanos. Contudo, procure ficar tranqüila. Essa é apenas uma das inúmeras perguntas que você pode fazer para as pessoas que lhe trouxeram até este lugar que, aliás, possivelmente estão a seu lado, prontas para ajudar-lhe como lidar com essa situação.
69. (E) Ao sair daqui, para onde vou? Essas pessoas irão me levar?
70. Sim, eles irão fornecer todas as condições para que você continue assim, calma e tranqüila. Como disse, eles irão ajudá-la.
71. (E) Agora realmente não tem jeito. Terei que conviver com outras pessoas.
72. Perceba que nunca de fato estamos sozinhos, ainda que muitas vezes imaginamos que estamos. Por exemplo, uma questão para você refletir: quem lhe trouxe aqui? Será que não era alguém que, mesmo você não fazendo idéia disso, acompanha-a diariamente, preocupa-se com você?
73. (E) Nesse caso, ele estaria morto como eu agora?
74. Sim, mas que, por algum laço de afeição, estaria ligado a você.
75. (E) E ele possivelmente sente a mesma coisa que eu sinto com respeito a minha gata?
76. Sim, é uma boa comparação. Portanto, mesmo que fechemos as portas, as pessoas continuam ligadas a nós.
77. (E) Agora irei com ele. Meu nome é Renata S.
78. Obrigada pelas palavras, Renata.
79. (E) Obrigada a você pelo esclarecimento.

Fazendo um balanço geral dos trabalhos, sentimos que todos ainda estão aquém de suas reais possibilidades. Quando digo essa palavra “aquém”, é para que sintamos, já que me incluo nessa discussão, fortificados, para sabermos que realmente nossas forças são superiores às supostas dificuldades que vivenciamos quando passamos pela carne. Em resumo, se uso esse termo, é para que compreendam que o Criador, na sua infinita sabedoria, no seu infinito amor, não permite que nossas forças sejam ultrapassadas. Dito isso, gostaria de levantar-lhes uma questão, para que vocês possam meditar um pouco: vocês estão felizes, realmente felizes, com a atual existência que o Criador vos concedeu? Meditem um pouco. Façam uma viagem iniciando pelo dia de hoje. Tentem, dentro das possibilidades de cada um, navegar na enciclopédia mental que todos nós possuímos, indo o mais longe que puderem, desde a época de infância, passando pela adolescência, até a fase que se encontram hoje. O que mudou durante esses anos? Qual foi o crescimento moral que adquiriram? Aguardarei um pequeno tempo para que possam empreender essa viagem.

Como puderam perceber, alguns momentos são saudosos, outros marcados por desencontros e outros ainda, que nos feriram. Mas, em meio a tudo isso, todos meditaram sobre o crescimento moral adquirido. Esses pequenos exercícios são para mostrar que, em cada oportunidade na escola da vida na Terra, cujo tempo de duração é, em média, de 70 anos, somos conduzidos a várias situações de aprendizados. De algumas temos saudades. Outras gostaríamos de esquecer, ainda que tenham nos servido para nos tornarmos seres melhores, como uma espécie de vacina contra certas situações. Pois bem, passemos agora, se possível, a outras oportunidades. Antes de reabrir os olhos nessa oportunidade atual, na vida que nos encontramos hoje, igualmente tivemos várias outras oportunidades de alegria e tristeza. Contudo, para efeito dessa análise, iremos nos ater somente aos momentos difíceis. Quanto mais nos afastamos do caminho que leva ao crescimento moral, mais perdemos nossa capacidade de avaliar as diferenças entre nosso estado de bem estar real e o simples emprego de nosso instinto animal. Com isso, meus irmãos,

quero dizer que hoje, muito mais do que antes, é a melhor oportunidade que todos temos. É o melhor momento para nos modificarmos moralmente. O presente é o momento de maior consciência do ser.

Quanto mais pararmos e meditarmos sobre isso, cada vez mais iremos ampliar nossa consciência. Quanto mais clareza tivermos das leis divinas, mais rápido caminharemos, porque descobriremos a verdadeira alegria.

Essas idéias são um dos alicerces para os trabalhos que têm desenvolvido. Nesse sentido, alguns irmãos ainda ligados a todos aqui serão trazidos para que possam servir de aprendizado geral. Por um motivo ou por outro, eles ainda encontram-se presos pelos seus próprios sentimentos em um tempo que para vocês já não mais existe, mas que para eles ainda está bem vivo. Com a consciência que estão começando a adquirir, vocês terão a oportunidade de colaborar para retirar esses irmãos do passado. Em diversos momentos, vocês sentirão como que alfinetados na sua própria carne, por se defrontarem com irmãos que outrora tiveram grandes desavenças. Outras vezes, travarão contato com companheiros que, juntos, colaboraram para o estabelecimento de algumas desordens. Contudo, pela consciência adquirida, conseguirão colaborar para o despertamento desses irmãos. E, como consequência disso tudo, poderão, em breve, olhar uns nos olhos dos outros, que participam dessa casa, com a certeza de que, independente de qualquer tipo de sentimento mais duro desenvolvido nos dias de hoje, ele é fruto de um mal entendido em outras oportunidades. Mas que, hoje, com as ferramentas que dispõem, é possível lutar e vencer qualquer diferença, para que juntos se tornem uma plataforma inabalável, capaz de sustentar o peso da humanidade se preciso, pois eu garanto a vocês: não existe situação melhor do que aquela em que podemos colaborar conscientemente com as leis do Criador.

Essa é minha contribuição para vocês. Que a paz possa permanecer com todos, que ela possa ser vivenciada cada vez mais em vossos corações, independente muitas vezes dos terremotos causados por nossa própria incerteza quanto ao futuro. Mesmo assim, que essa paz inabalável possa permanecer com todos. Um grande abraço, e sempre que necessário,

solicitem o amparo dos amigos bondosos. Dentro das minhas possibilidades, do que estiver ao meu alcance, estarei à disposição. Até a próxima.

Augusto

Análise

A comunicação anterior foi recebida em um grupo de pesquisa mediúnica cujos estudos atuais, em torno da compreensão dos sentimentos humanos, foram traçados de maneira conjunta aos espíritos amigos. O objetivo principal é mostrar que o espírito encarnado, tal como o desencarnado, pode utilizar determinados trechos de seu passado não como uma simples curiosidade, mas sim como uma ferramenta importante em seu próprio crescimento moral, bastando-se que se criem as condições propícias para isso. A vida humana é única, sem interrupções, e que, mesmo com o relativo esquecimento adquirido em cada nova encarnação, a criatura humana só pode ser entendida como uma somatória de suas inúmeras experiências anteriores. Eis o conceito-chave para se entender as implicações morais por detrás de relatos e encontros com pessoas com as quais se conviveu. Da mesma forma que, ao levantarmos pela manhã, sabemos o que queremos e o que não queremos por conhecermos o dia anterior, ao visualizar e compreender os sentimentos que o levaram a tomar determinadas decisões e, sobretudo, suas consequências, o espírito passa a ter melhores condições para escolher o que realmente é bom para ele. Em uma palavra: pode ele conhecer melhor a si mesmo.

De onde eles vêm?

IEEWF, 3 de outubro de 2006

PALAVRAS-CHAVE: OBSESSORES;

EVOLUÇÃO; REUNIÃO MEDIÚNICA.

Eles são muito bondosos mesmo. São amigos verdadeiros, companheiros que caminham conosco sob quaisquer circunstâncias, para que possamos apoiar os nossos braços cansados em seus ombros. Eu me sinto honrado nesse momento por falar com vocês, porque estava previsto que outro irmão usasse a palavra, mas ele concedeu-me a oportunidade para que eu simplesmente me expressasse. Eu não tenho nada de



bom para oferecer, somente agradecer esses amigos, esses irmãos bondosos que me trouxeram à razão depois de uma longa caminhada pelo mundo das trevas, se assim posso me expressar, pela minha inferioridade, pela minha incessante luta de negar o Criador. Sempre que possível, surgiam nos momentos em que eu estava mais fraco, segundo meu entendimento da época. Nessas oportunidades, permitiam que eu os visse, tomando o cuidado para que suas luzes não me humilhassem. Após breves, mas profundas palavras, partiam, deixando-me com inúmeras indagações: por que vinham até mim? De onde provinham? Onde viviam? O que eles faziam? Quais as vantagens que recebiam por serem tão bons assim? Era tudo o que eu queria saber. Certa vez, implorei para que me levassem, implorei verdadeiramente. Foi então que, após sedado, adormecendo, fui levado para essa colônia, este local de refazimento, de meditação, de transformação. Hoje, amigos, após uma análise profunda de todo tempo que estive naquele local, digo que não foi um tempo perdido porque, pelo que aprendi aqui, nenhum tempo é perdido, pois estamos sempre caminhando, aprendendo algo. Posso dizer que para mim é uma honra trocar de lugar, neste momento, com esses amigos e, principalmente, com o irmão que iria usar do mecanismo de comunicação. Gostaria de agradecê-los também, meus irmãos. Hoje, eu os chamo assim. Agradeço do fundo do meu coração por

arrancarem-me daquele local, como se arranca a erva daninha do trigo, onde estava preso pela minha mente, para me mostrarem quão é bela a luz. Gostaria de deixar meu abraço, meu carinho a todos eles e a vocês por me ouvirem sem me questionar. Deixo a vocês a paz e digo que vale a pena tentar enxergar a luz, mesmo que estejamos cobertos por nuvens escuras, enraizados em um chão inerte. Mesmo assim, vale a pena porque, mesmo que o solo não esteja tão fértil, em um chão que esteja seco, a planta busca as profundezas da terra para retirar seu alimento. Nós devemos buscar os pontos iluminados para saciar a nossa sede, a fome do nosso coração. Muito obrigado mesmo. Espero um dia retornar, não mais tomando a vez de ninguém, mas marcando com eles um momento para que eu possa me expressar melhor e trazer-lhes um pouco do meu aprendizado. Fiquem em paz!

Análise

Um dos mitos mais difundidos no ambiente espírita diz que somente aqueles que possuem merecimento, sejam deles próprios ou de outros espíritos ligados a eles, são auxiliados. Quanto maior o merecimento, maior a ajuda. Ora, essa idéia, na forma como tem sido difundida, é absolutamente contrária aos exemplos dados por Jesus, que auxiliava e se dedicava a todos, sem distinção. Quem, de fato, poderia dizer que esse ou

aquele espírito possui maior mérito? Quando muito, podemos relativizar a nós mesmos, mas jamais aos olhos do Criador; que se ocupa de todos os seres que criou. Portanto, o critério para ser auxiliado não é o mérito, mas sim o aprendizado adquirido, a quantidade de experiências capazes de impulsionar o ser; em uma palavra: a maior parcela de benefícios que colherá. Nesse sentido, o relato anterior é muito esclarecedor; mostrando como em determinadas situações surgem, de um mesmo fato, várias interpretações diferentes, de acordo com a capacidade de visão do observador. Para alguém que só testemunhasse o momento em que o espírito comunicante foi ajudado, ficaria a impressão de que os espíritos estavam aguardando ele implorar, arrepende-se, enfim, humilhar-se diante de Deus para que, enfim, alguém fosse auxiliá-lo. Contudo, para um espírito com uma visão mais ampla, capaz de penetrar seus sentimentos, veria que o espírito comunicante não fora ajudado antes justamente porque foi durante esse período que começaram a surgir em sua mente algumas questões, seguidas de conclusões, que formariam a base de seu desenvolvimento posterior. Foi podendo avaliar, por si próprio, as condições em que se encontrava, comparando-as com as idéias e, sobretudo, os sentimentos trazidos pelos espíritos que lhe visitavam, que ele optou por seguir por outros caminhos capazes de torná-lo mais feliz.

PESQUISA ESPÍRITA

O processo de transmissão das idéias pelos espíritos

IEEWMF, 20 de agosto de 2007

PALAVRAS-CHAVE: REUNIÃO MEDIÚNICA; IDENTIFICAÇÃO ESPÍRITA; COMUNICAÇÃO.

A mediunidade é uma das ferramentas fundamentais para a prática do espiritismo. No caso específico da pesquisa espírita, é nela que os estudiosos podem colher informações junto aos espíritos acerca dos mais diversos assuntos. Durante esse processo, comumente os experimentadores deparam-se com uma questão que a primeira vista parece intransponível: como confiar no conteúdo das mensagens? Para responder essa questão,

de absoluta importância para o avanço das idéias espíritas, é preciso, antes de tudo, conhecer-se como de fato as mensagens são transmitidas através do médium. Alguns, por exemplo, acreditam que o mecanismo mediúnico assemelha-se a um ditado, em que o espírito é capaz de transmitir palavra por palavra. A experiência, contudo, demonstra que, se por um lado isso não é rigorosamente impossível, o processo de comunicação que normalmente se estabelece entre o espírito e médium tem característica simbólica, isto é, o que de fato é transmitido pelos espíritos são pensamentos, ficando a cargo do médium transformá-los em palavras segundo seus próprios recursos intelectuais. Assim, por exemplo, se o espírito deseja transmitir a idéia de que alguém está caminhando por um jardim, acompanhado por espíritos

amigos, o médium pode simplesmente transmitir a idéia de que tal pessoa está sendo amparada por espíritos superiores, uma vez que a essência, o **sentimento** associado a essa idéia são equivalentes. Há fortes evidências experimentais, do dia-a-dia de qualquer centro espírita, que sustentam a tese da transmissão simbólica. A primeira delas diz respeito à dificuldade que alguns espíritos encontram em registrar nomes, sejam deles próprios, ou de terceiros, durante as comunicações. Se a transmissão fosse literal, jamais esse tipo de problema seria observado. Quando necessário, os espíritos dispõem de meios para que esse problema seja contornado, utilizando-se de fenômenos como a clariaudiência ou clarividência, em que o médium é capaz de interagir conscientemente com o mundo invisível. Outro fato interessante



diz respeito à comunicação de espíritos que afirmam ter vivido em países cujos idiomas são absolutamente desconhecidos pelo médium. No IEEWFM, tivemos a oportunidade de observar diversas dessas comunicações com espíritos que, ao serem questionados, espontaneamente afirmavam terem vividos nas mais diferentes regiões. Em alguns casos, inclusive, o espírito comunicante se mostrou surpreso ao conseguir se comunicar com os presentes, visto que, apesar de compreender o **sentido** do diálogo, não entendia uma única palavra que estava sendo dita pelo médium e pelo experimentador, em um processo que poderíamos denominar de clariaudiência inversa, isto é, a faculdade de o espírito captar diretamente os sons produzidos pelo plano visível.

Com o objetivo de se testar a validade da hipótese simbólica, bem como de estabelecer alguns de seus limites, em uma de nossas reuniões, realizada em 20/008/07 elaboramos um experimento bastante simples: comparar o teor de uma mesma mensagem transmitida por um mesmo espírito a um mesmo médium, utilizando-se dois canais diferentes: a psicofonia e a psicografia. Assim, pedimos a um espírito de nosso círculo mais próximo de convivência que elaborasse um pequeno texto sobre um determinado assunto de sua preferência e que este fosse transmitido através da voz do médium e do processo de escrita. Após algum tempo, o médium registrou as comunicações, na seguinte ordem:

Psicografia (reproduzida literal, incluindo erros ortográficos)

QUESTÕES DIVERSAS

Psicofonia e psicografia

IEEWFM, 27 de agosto de 2007

PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DE CORPOS, REENCARNAÇÃO, EVOLUÇÃO.

1. (E) Que a paz que o Criador nos concede a todo instante, nesse momento se torne mais intensa. Buscamos sempre aprender, mesmo que nem sempre nos damos conta disso. Nós, espíritos, estejamos onde estivermos, aprendemos a todo instante, pois a todo o momento nossa atenção é despertada para as leis do

“No grande palco da vida, é a grande oportunidade de mostrarmos as varias faces que temos, pois ao sairmos deste palco é impossível mantermos a nossa mascara. Portanto meus irmãos amigos, criamos a cada dia um personagem único para que com o passar do tempo que o criador nos deixou para nossa apresentação não soframos tanto para trocarmos de personagem e nem com o excesso de maquiagem. Silvestre.”

Psicofonia (transcrita a partir da voz gravada do médium)

“Na grande oportunidade da vida, somos como atores que representa nessa grande história que o Criador nos oferta. Temos diversas máscaras, que trocamos toda vez que muda-se a peça. Passamos então, meus irmãos, a tentar representar uma única história, porque só assim não correremos o risco de sofrermos com as mudanças do tempo, quando trocamos a nossa maquiagem, quando trocamos as nossas máscaras. Só assim, meus irmãos, só assim, representando em uma só vida, é que podemos e seremos realmente nós, sem máscara. Fique em paz, Silvestre.”

A comparação entre ambas não deixa margem a dúvidas: ainda que diferentes nas palavras e algumas idéias acessórias, a essência da mensagem é a mesma em ambos os casos. Isso demonstra a falta de sustentação teórica para que o processo mediúnico seja sempre tomado como um ditado palavra por palavra. Se de fato assim o fosse, não haveria motivo para que ambas as comunicações fossem diferentes, fato absolutamente contrário

Criador. E à medida que nos colocamos mais interessados, o aprendizado torna-se mais intenso.

Com respeito à discussão em torno do pequeno experimento proposto, acompanhamos as discussões dos amigos, as dúvidas, os pontos de vista. A despeito disso, ficou claro para nós que todos entenderam a essência da mensagem transmitida, e é isso que de fato importa em uma comunicação mediúnica. Com relação aos dois estilos de manifestação, gostaríamos de deixar registrada a necessidade de preparo prévio para ambos os casos. Sempre buscamos trazer informações pelo meio mais viável.

ao que a experiência demonstra. Ainda como fato complementar, visto ser impossível sua demonstração nesse artigo, o espírito participante desse experimento viveu, segundo ele próprio e muitos outros espíritos, em um país de origem anglo-saxônica, o que fortalece a conclusão de que ele **pensou** a mensagem, e não a ditou pelos seus lábios, uma vez que o médium desconhece por completo a língua inglesa. Justamente por esse motivo, aliás, que escolhemos o médium e o espírito comunicante: por conhecermos algumas de suas características psicológicas, visto que, em um última instância, estamos diante de um processo de transmissão de idéias entre duas pessoas (ver “O papel da Comunicação Social no método científico de Allan Kardec”, fevereiro de 2008).

As conclusões apresentadas anteriormente põe abaixo um sem-número de discussões em torno das palavras ditas pelos espíritos, mostrando que a excessiva preocupação com a literalidade das comunicações, isto é, com a análise das palavras isoladamente, e não do conjunto da idéia transmitida, carece de base experimental. Por fim, na reunião seguinte ao experimento, solicitamos algumas explicações ao espírito especialmente no que diz respeito às dificuldades encontradas em um ou outro meio de comunicação. Suas respostas encontram-se transcritas a seguir. Futuramente, novos experimentos envolvendo esse assunto serão publicados na Revista.

Quando o conteúdo é mais longo, quando a quantidade de informações é mais extensa, optamos pelo uso da escrita. Mas, para isso é necessário uma análise prévia do aparelho que iremos utilizar, a fim de avaliarmos se ele reúne as condições necessárias para uma determinada tarefa. Nessas oportunidades, procuramos realizar alguns ajustes necessários para que tudo ocorra bem. Lembrem-se que os médiuns não são máquinas que podem ser operadas com um simples toque de um botão. Como qualquer outra atividade que envolva um ser humano, é necessário um preparo anterior. No caso desse pequeno exercício



proposto por vocês, apesar de serem trechos pequenos, há uma alteração psíquica importante para que haja, de fato, a transmissão, com grande esforço despendido pelo instrumento, pela ferramenta que iremos usar.

Portanto, queridos amigos, quando desejarem realizar exercícios, aprendizados, sigam em frente, não se preocupem. Busquem realmente entender as leis do Criador que lhes chamam tanto a atenção. Porém, ao ser proposto um trabalho, definam qual será seu estilo, e nós, durante sua preparação, iremos transmitir as informações necessárias, seja através da psicografia ou da psicofonia. É necessário, como mencionei há pouco, uma adequação da ferramenta que iremos usar, para uma aceitação mais exata das informações trazidas. Acredito ter esclarecido alguns pontos levantados por vocês.

2. Para termos certeza da validade de nosso experimento, gostaríamos de confirmar o seguinte fato: os textos transmitidos por você foram realmente idênticos?

3. (E) Sim. Trata-se de trechos retirados de um material escrito que, oportunamente, traremos a vocês através da escrita.

4. Por qual dos dois meios é mais fácil estabelecer a comunicação: a psicografia ou a psicofonia?

5. (E) Volto a falar da necessidade de se trazer a mensagem. Se a questão levantada diz respeito à dificuldade de transmissão da mensagem de uma maneira geral, posso afirmar que não existe diferença nos meios em si. As dificuldades encontradas encontram-se na ferramenta que estamos nos utilizando.

Se, por exemplo, há a necessidade de se trazer uma determinada informação por escrito, e a ferramenta encontra-se ajustada à fala, se assim posso dizer, com maior intensidade à psicofonia por está-la praticando há algum tempo, é necessário um tempo de reajuste para uma melhor adequação. Portanto, mesmo tomando um único médium como referência, a dificuldade encontrada depende do momento que iremos passar as informações. Gostaríamos de deixar claro que existe sempre um preparo anterior, exceção feita, muitas vezes, em casos de atendimento de irmãos que necessitam de auxílio imediato. Por esse motivo que pedimos sempre para que o preparo seja constante, e não apenas no dia da reunião. Nesse sentido, percebemos que existe uma grande dificuldade dos irmãos em manter o padrão vibratório condizente com aquilo que se pretende executar.

Todos nós sabemos das dificuldades em torno da manutenção da vida material. Mas, lembrem-se meus irmãos que nossa vida é uma só, independente do plano em que estamos (ver “Desmaterialização do espírito”, fevereiro de 2008) e que, no futuro, entenderemos que o mais importante é a expressão da bondade, do amor ao próximo. Não vamos trocar esta oportunidade por meros prazeres da vida terrena. A cada momento, aprendemos mais, juntos, é claro, com nossas responsabilidades perante nossa própria consciência. Portanto, queridos amigos, façam cada um a sua parte.

6. Como complemento da questão anterior, no específico em questão, você acredita que tanto uma mensagem quanto a outra são equivalentes ou, ao contrário, alguma se destacou na transmissão de seus pensamentos?

7. (E) Gostaria de frisar que, para o

presente caso, embora já soubéssemos dos vossos pensamentos com certa antecedência, a ferramenta naquela noite estava mais voltada para a mensagem falada. Contudo, como já tivemos em um trabalho anterior a oportunidade de desenvolver a psicografia, meus pensamentos foram melhor expressados através do texto escrito. Contudo, como mencionei, em função do estado psíquico do médium, a maior quantidade de informação foi transmitida pela fala. Não sei se fui claro nas explicações, mas volto a dizer que, naquela noite, a fala foi mais adequada, no sentido de que a informação ali contida é mais fácil de ser compreendida. Antes de me expressar pela psicografia, informei ao médium que na escrita se faz necessário uma meditação anterior, para uma melhor captação das idéias. É por isso que ela existe.

8. Como é de seu conhecimento, pretendemos publicar esse experimento em nossa Revista para que os conceitos em torno da mediunidade possam ser melhor compreendidos. Nesse sentido, para um desenvolvimento mais profundo das idéias, acreditamos que sejam necessários experimentos em condições mais adequadas, como um texto mais longo, por exemplo, além da própria preparação prévia do médium, conforme você apontou.

9. (E) Sim. Trabalharemos para criar as condições necessárias para que ambos os meios sejam equivalentes, no sentido da transmissão das idéias, a fim de verificar com qual dos meios o médium mais se identifica: na escrita ou na fala. Dentro de nossas condições, tentaremos deixar equilibrada a balança.



Publicação mensal do Instituto de Estudos Espíritas
“Wilson Ferreira de Mello”

Fundada em 01/01/2006

Equipe

Dermeval Carinhana (Editor), Leda Vialta (Editora-adjunta)
e Luciano Pereira (Internet e diagramação).

A distribuição da **Revista** é gratuita. Seu conteúdo pode ser reproduzido, seja de forma parcial ou integral, sem qualquer necessidade de autorização prévia, bastando, quando possível, citá-la como fonte de referência.

Envio de matérias, críticas, assinaturas, etc.:

Rua Pedro Gianfrancisco, 306, Parque Via Norte, Campinas-SP,
CEP 13065-195.

Email: dcarinhana@gmail.com

Visite nossa página: www.ree.org.br